

Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade

Sílvio Gallo*

A organização do poder e da autoridade no processo educacional passa necessariamente pela questão ideológica; já é fato consumado a percepção da escola como um aparelho ideológico a serviço do Estado, como demonstrou Louis Althusser em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Os anarquistas que se dedicaram à questão do ensino, seja na discussão teórica seja na prática pedagógica através da elaboração de escolas libertárias experimentais, sempre estiveram sensíveis a essa questão.

Se por um lado dedicaram-se a fazer uma crítica contundente ao sistema capitalista de ensino que em muitos aspectos antecipou as assim chamadas teorias “crítico-reprodutivistas” do ensino que se desenvolveram em princípios dos anos setenta, por outro também foi amplo o debate interno ao movimento sobre se a escola libertária deveria ou não assumir características de transmissão de ideologia; não a ideologia capitalista, é evidente, mas uma ideologia revolucionária comprometida com a emancipação dos trabalhadores. A questão central é a seguinte: a pedagogia libertária, como uma educação comprometida com a liberdade tanto de cada indivíduo quanto do grupo social como um todo, deve assumir-se ou não como um processo de transmissão de uma determinada ideologia? Ou, colocando em outros termos: a educação libertária deve ser neutra ou não?

Ferrer i Guàrdia e a educação libertária

Examinaremos aqui o caso do catalão Francesc Ferrer i Guàrdia, idealizador e diretor da *Escuela Moderna de Barcelona*, provavelmente o mais rico e elucidativo deles para o debate desta questão, além de ser um dos marcos principais das experiências libertárias de educação, seja por sua profundidade, seja por sua abrangência¹.

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Filosofia e História da Educação - UNICAMP; Chefe do Departamento de Filosofia - UNIMEP.

18 • Sívlio Gallo

Ferrer, vivendo em fins do século passado e princípios deste, foi partidário de um materialismo positivista que grassava pelos meios socialistas nesta época, vendo na ciência a grande emancipadora do proletariado, que poderia enfim sair de suas condições de miséria e de penúria através do desenvolvimento tecnológico e de uma revolução social que tirasse das mãos exclusivistas da burguesia as benesses da ciência e da tecnologia, distribuindo-as por toda a sociedade. Mas, se concordavam com Auguste Comte quanto ao futuro da humanidade proporcionado pelo desenvolvimento científico, esses socialistas dele discordavam politicamente, percebendo a necessidade de uma profunda alteração na ordem social para que esse desenvolvimento trouxesse seus frutos para todos e não para alguns, apenas.

Coerente com esse ingênuo positivismo empirista, Ferrer não acredita em idéias inatas, concebendo a mente da criança como uma *tábula rasa* que pode ser preenchida através da educação tanto por “falsas idéias” e “preconceitos” quanto por “verdades científicas”:

“Persuadido de que el niño nace sin idea preconcebida, y de que adquiere en el transcurso de su vida las ideas de las primeras personas que le rodean, modificándolas luego por las comparaciones que de ellas hace y según sus lecturas, observaciones y relaciones que le procura el ambiente que le rodea, es evidente que si se educara el niño con nociones positivas y verdaderas de todas las cosas, y se le previniera que para evitar errores es indispensable que no se crea nada por fe sino por experiencia y por demostración racional, el niño se haría observador y quedaría preparado para toda clase de estudios.”²

Assim, sobre a mente da criança podem ser lançados tanto os rudimentos da ciência e da verdade quanto do preconceito e do erro; nesta perspectiva maniqueísta de Ferrer, cada uma delas produz um resultado direto no desenvolvimento do indivíduo:

“Si las capas de las primeras ideas son gérmenes de verdad, semillas de adecuados conocimientos, sembrados en la conciencia del niño por su primer pedagogo, que aspira el ambiente científico de su tiempo, entonces lo que se produce en el hogar es una obra íntegramente buena, sana de todos lados.

Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade • 19

“Pero si al hombre, en la primera edad de la vida, se le alecciona con fábulas, con errores de toda especie, con lo opuesto a la orientación de la ciencia, qué cabe esperar de su porvenir? Cuando de niño evolucione en adulto será un obstáculo al progreso. La ciencia del hombre en la edad infantil es de idéntica contextura que su naturaleza fisiológica: es tierna, blanda. Recibe muy fácilmente lo que le viene de afuera. Pero con el tiempo va teniendo conato de rigidez la pasticidad de su ser; se convierte en consistencia relativamente estadiza su primitiva excesiva ductilidad. Desde ese momento tenderá el sedimento primero que le diera la madre, más que a incrustarse, a identificarse con la conciencia del joven.”³

Tomando por base esta concepção, Ferrer está convencido de que as instituições sociais que estão em contato direto com as crianças – família, igreja, escola etc. – são as responsáveis por essa primeira etapa da educação, que servirá de alicerce para a tomada de consciência do indivíduo. Está convencido, também, de que cada vez mais a escola tem um lugar de destaque entre essas instituições, convertendo-se paulatinamente no principal “aparelho ideológico”, para usar o termo de Althusser.

Ferrer aponta que a escola sempre foi instrumento de legitimação da dominação nas mãos dos poderosos; mantendo a maior parcela da população na mais absoluta ignorância, garantiam dois mecanismos de defesa: um que seria a falta de consciência da exploração, impedindo a revolta e, outro, que seria imediata obediência das massas àqueles que dominassem o conhecimento. Modernamente, porém – observa Ferrer – a situação tem mudado: o desenvolvimento científico-tecnológico tem revolucionado os sistemas de trabalho e a organização da produção, exigindo trabalhadores tanto mais hábeis quanto mais instruídos. Tal fato levou a uma nova orientação dos governos em relação à educação das massas, com uma conseqüente melhoria na qualidade das escolas. Não se pense, porém, que tais transformações foram feitas em nome de uma melhor qualidade de vida para os trabalhadores, mas apenas temendo as graves conseqüências que a ignorância generalizada pudesse trazer para o progresso do país⁴. Os governantes, entretanto, cuidaram de proteger-se, como assinala Ferrer:

20 • Sílvia Gallo

“Grave error sería creer que los directores no hayan previsto los peligros que para ellos trae consigo el desarrollo intelectual de los pueblos, y que, por tanto, necesitaban cambiar de medios de dominación; y, en efecto, sus métodos se han adaptado a las nuevas condiciones de vida, trabajando para recabar la dirección de las ideas en evolución. Esforzándose por conservar las creencias sobre las que antes se basaba la disciplina social, han tratado de dar a las concepciones resultantes del esfuerzo científico una significación que no pudiera perjudicar a las instituciones establecidas, y he ahí lo que les han inducido a apoderarse de la escuela. Los gobernantes, que antes dejaban a los curas el cuidado de la educación del pueblo, porque su enseñanza, al servicio de la autoridad, les era entonces útil, han tomado en los países la dirección de la organización escolar.”⁵

Deste modo, a escola no sistema capitalista tem a função basicamente ideológica de manter os trabalhadores, embora recebendo certa educação que lhes é necessária para o processo de trabalho, sob o domínio da burguesia. A “força emancipadora” da ciência moderna nada pode frente a esse poderoso muro levantado pela educação, que trata de tornar os indivíduos opacos à conscientização da exploração social.

“Del mismo modo que han sabido arreglarse cuando se ha presentado la necesidad de la instrucción, para que esta instrucción no se convirtiese en un peligro, así también sabrán reorganizar la escuela de conformidad con los nuevos datos de la ciencia para que nada pueda amenazar su supremacía.”⁶

A advertência de Ferrer dirige-se explicitamente àqueles que, confiantes no triunfo da ciência, esperam um futuro de glória para a humanidade, enquanto permanecem de braços cruzados:

“Ah! Qué no se ha esperado y se espera aún de la instrucción! La mayor parte de los hombres de progreso todo lo esperan de ella, y hasta estos últimos tiempos algunos no han comenzado a comprender que la instrucción sólo produce ilusiones. Cáese en la cuenta de la inutilidad positiva de esos conocimientos adquiridos en la escuela por los sistemas de educación actualmente en

Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade • 21

práctica; compréndese que se ha esperado en vano, a causa de que la organización de la escuela, lejos de responder al ideal que suele crearse, hace de la instrucción en nuestra época el más poderoso médio de servidumbre en mano de sus directores. Sus profesores no son sino instrumentos conscientes o inconscientes de sus voluntades, formados además ellos mismos según sus principios; desde su más tierna edad y con mayor fuerza que nadie han sufrido la disciplina de su autoridad; son muy raros los que hán escapado a la tiranía de esa dominación quedando generalmente impotentes contra ella, porque la organización escolar les oprime con tal fuerza que no tienen más remedio que obedecer. No he de hacer aquí el proceso de esta organización, suficientemente conocida para que pueda caracterizársele con una sola palabra: Violencia. La escuela sujeta a los niños física, intelectual y moralmente para dirigir el desarrollo de sus facultades en el sentido que se desea, y les priva del contacto de la naturaleza para modelarles a su manera. He ahí la explicación de cuanto dejo indicado: el cuidado que han tenido los gobiernos en dirigir la educación de los pueblos y el fracaso de las esperanzas de los hombres de libertad. Educar equivale actualmente domar, adiestrar, domesticar.”⁷

Não podendo esperar que a ciência sozinha seja o instrumento de emancipação da humanidade, Ferrer vê que uma ação pedagógica conscientemente elaborada pode contribuir para essa tarefa, através da erradicação da ignorância e da distribuição dos conselhos científicos que, se são produzidos com o concurso de toda a sociedade, devem também ser divididos por toda a população:

“La verdad es de todos y socialmente se debe a todo el mundo. Ponerle precio, reservala como monopolio de los poderosos, dejar en sistemática ignorancia a los humildes y, lo que es peor, darles una verdad dogmática y oficial en contradicción con la ciencia para que acepten sin protesta su ínfimo y deplorable estado, bajo un régimen político democrático es una indignidad intolerable, y, por mi parte, juzgo que la más eficaz protesta y la más positiva acción revolucionaria consiste en dar a los oprimi-

22 • Sívio Gallo

dos, a los deheredados y a cuantos sientam impulsos justicieros esa verdad que se les estafa, determinante de las energías suficientes para la gran obra de la regeneración de la sociedad.”⁸

A forma de participação da escola no processo de emancipação social dos trabalhadores na concepção de Ferrer é bem explicitada por Jesús Palacios:

“La labor emancipadora de la Escuela Moderna debía dirigirse, en primer lugar, a la lucha contra la ignorancia y error que, según lo entendía Ferrer, estaban en la base de las diferencias y los antagonismos de clase. Como el mismo Ferrer lo señalaba en el programa que su escuela se proponía en su tercer año de existencia, la razón y la ciencia, antagónicas del error y la ignorancia, estaban en el corazón de la Escuela Moderna: ‘Ni dogmas ni sistemas, moldes que reducen la vitalidad a la estrechez de las exigencias de la sociedad transitoria que aspira a definitiva; soluciones comprobadas por los hechos, teorías aceptadas por la razón, verdades confirmadas por evidencia, esto es lo que constituye nuestra enseñanza, encaminada a que cada cerebro sea el motor de una voluntad y a que las verdades brillen por sí en abstracto, arraiguen en todo entendimiento y, aplicadas a la práctica, beneficieren a la humanidad sin exclusiones indignas ni exclusivismos repugnantes’. La razón y la ciencia contribuirían, así a arrancar, a extirpar de los cerebros de los niños todas las falsas ideas fruto de la ‘razón artificial’ (religión, patria, familia, falsa idea de la propiedad, etc.), falsas ideas que estaban en los orígenes de las divisiones entre los hombres y cuya desaparición en manos de la ‘razón natural’, la de la ciencia, daría lugar a la libertad, la fraternidad y la solidaridad entre los hombres.”⁹

A proposta pedagógica de Ferrer, implantada na *Escuela Moderna de Barcelona*, vai constituir-se, pois, numa pedagogia oposta àquela implantada nas escolas capitalistas, a serviço dos governos que buscam na escola mais um veículo ideológico para legitimar e garantir o sistema de exploração social.

Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade • 23

No contexto de seu ideário positivista, Ferrer ingenuamente propõe uma escola “*não-ideológica*”. Seu argumento é claro: a revolta dos explorados contra os exploradores é justa e necessária; é, porém, um assunto de adultos – lembremos da afirmação de Hannah Arendt de que a educação é uma ação pré-política¹⁰ – e não de crianças; não seria correto construir um processo pedagógico que inculcasse nas crianças idéias que deveriam ser conclusões e resultados de suas futuras observações da realidade social, interpretada pelas concepções científicas obtidas na escola.

Ferrer faz questão de afirmar claramente que concorda com a revolta dos explorados:

“El asunto es delicado y conviene dejarle bien claro: la rebeldía contra la opresión es sencillamente cuestión de estética, de puro equilibrio: entre un hombre y otro hombre parecidamente iguales, como lo consigna la famosa Declaración revolucionaria en su primera cláusula con estas indestructibles palabras: ‘los hombres nacen y permanecen libres e iguales en derecho’, no puede haber diferencias sociales; si las hay, mientras unos abusan y tiranizan, los otros protestan y odian; la rebeldía es una tendencia niveladora, y por tanto, racional, natural, y no quiero decir justa por lo desacreditada que anda la justicia con sus malas compañías: la ley y la religión.

“Lo diré bien claro: los oprimidos, los expoliados, los explotados han de ser rebeldes, porque han de recabar sus derechos hasta lograr su completa y perfecta participación en el patrimonio universal.”¹¹

Essa revolta, porém, como dissemos, deve dar-se no âmbito da ação política, uma atividade de adultos; o educador catalão vê-se, então, diante de um impasse: se faz uma escola para filhos de burgueses, deve, para ser justo e coerente com sua clientela, ensiná-los as técnicas da exploração social, para que eles sigam dominando a sociedade; se, por outro lado, faz uma escola para filhos de operários, deve ensiná-los a revolta contra essa exploração injusta para com eles. Em qualquer um dos casos, estaria adiantando para as crianças uma ação política que elas deveriam ter apenas no futuro.

24 • Sílvio Gallo

A resposta encontrada por Ferrer é a co-educação das classes, isto é, juntar numa mesma sala de aula filhos tanto da burguesia quanto do proletariado, representantes de todos os espectros sociais. Acreditava ele que, assim, estaria ensinando apenas aquilo que é “verdade objetiva” sobre a sociedade, sem enganar ninguém; que no futuro, em consequência disso, os filhos de operários se revoltam e os filhos de burgueses encontrem melhores justificativas para a exploração, se não quiserem juntar-se à luta daqueles que buscam a reestruturação da sociedade.

Nas palavras do próprio Ferrer,

“Pero la Escuela Moderna obra sobre los niños a quienes por la educación y la instrucción prepara a ser hombres, y no anticipa amores ni odios, adhesiones ni rebeldías, que son deberes y sentimientos propios de los adultos; en otros términos, no quiere coger el fruto antes de haberle producido por el cultivo, ni quiere atribuir una responsabilidad sin haber dotado a la conciencia de las condiciones que han de constituir su fundamento: Aprendan los niños a ser hombres, y cuando lo sean declárense en buena hora en rebeldía.

“Una escuela para niños ricos no hay que esforzarse mucho para demostrar que por su exclusivismo no puede ser racional. La fuerza misma de las cosas la inclinaría a enseñar la conservación del privilegio y el aprovechamiento de sus ventajas.

“La coeducación de pobres y ricos, que pone en contacto unos con otros en la inocente igualdad de la infancia, por medio de la sistemática igualdad de la escuela racional, esa es la escuela, buena, necesaria y reparadora.”¹²

A concepção positivista de Ferrer leva, então, à idéia de uma escola que seja “neutra”; não que toda escola seja neutra, como pode querer um positivista clássico, pois a própria escola capitalista comprovadamente não o é, mas sim de uma escola racionalista – fundada na razão positiva da ciência – que não esteja baseada na transmissão ideológica de preconceitos e idéias falsas destinadas a preservar a dominação e os privilégios de poucos, mas sim na disseminação dos conceitos científicos que, por si só, não carregam conteúdos políticos.

Escuela Moderna: neutra?

Mas o fato é que a escola de Ferrer, apesar de toda a sua desejada neutralidade, despertou imensa polêmica já em sua época, não apenas nos meios conservadores, o que seria de se esperar, mas também nos meios progressistas, aos quais explicitamente se dirigia. Um famoso militante libertário da época, Ricardo Mella, atacou duramente a proposta de Ferrer e de seus seguidores numa série de artigos publicada em importantes jornais operários do período. O mais curioso é que Mella, ardoroso defensor da neutralidade da escola, criticava a *Escuela Moderna* pela falta de neutralidade.

“O racionalismo variará e varia atualmente segundo as idéias dos que o propagam ou praticam. O neutralismo, por outro lado, mesmo no sentido relativo que se lhe deve atribuir, está sujeito a permanecer livre e por cima de suas idéias e sentimentos. Enquanto ensino e educação se confundirem, a tendência, já que não o propósito, será modelar a juventude conforme fins particulares e determinados.”¹³

Para Ricardo Mella, uma educação libertária seria aquela que prescindisse de todo e qualquer diretivismo, que prescindisse de toda e qualquer ideologia; assim como não se deve ter uma educação religiosa, também não se deve ter uma educação política, seja ela anarquista ou fascista.

“Por melhor que sejamos, por mais que estimemos nossa própria bondade e nossa própria justiça, não temos nem mais nem menos direito do que os da calçada da frente para fazer os jovens à nossa imagem e semelhança. Se não temos o direito de sugerir, de impor às crianças um dogma religioso qualquer, também não temos o de induzi-las a uma opinião política, um ideal social, econômico e filosófico.”

“Por outro lado, é evidente que para ensinar as primeiras letras, geometria, gramática, matemática, etc., tanto no aspecto útil como no puramente artístico ou científico, não é necessário amparar-se em doutrinas laicas ou racionalistas que pressu-

26 • Sílvio Gallo

põem determinadas tendências e, portanto, contrárias à própria função instrutiva. Em termos claros e precisos: a escola não pode e não deve ser nem republicana, nem maçônica, nem socialista, nem anarquista, da mesma forma que não pode nem deve ser religiosa."

*"A escola não pode e nem deve ser mais do que o ginásio adequado ao total desenvolvimento dos indivíduos. Não se deve dar, pois, à juventude idéias feitas, quaisquer que sejam elas, porque isso implica castração e atrofia das próprias faculdades que pretendemos excitar."*¹⁴

Para crítica tão direta, não é possível que não haja um fundamento bastante concreto; tampouco Ricardo Mella, em sua ardorosa defesa da absoluta neutralidade no ensino, pode estar enganado ao identificar no racionalismo pedagógico de Ferrer uma atitude ideológica e muito pouco neutra.

A verdade é que, apesar de todas as considerações de Ferrer sobre a necessidade da neutralidade na educação, para que apenas no futuro, com a consciência formada, cada jovem pudesse fazer a sua própria opção política, o ensino racional na *Escuela Moderna* estava carregado de concepções político-sociais "revolucionárias". Isso pode ser constatado através de um olhar sobre os livros publicados pela "*Biblioteca de la Escuela Moderna*", como "*Science et Religion*", "*Origen del Cristianismo*", "*Patriotismo y Colonización*", dentre outros. O comentário do próprio Ferrer sobre o livro que mais sucesso fez é bastante revelador de seu teor:

*"En resumen, se inauguró la Escuela Moderna antes que la creada biblioteca hubiera producido su primera obra, pero ésta, que se publicó poco después, fue brillante creación que ejerció gran influencia sobre la institución reciente; se trata de **Las Aventuras de Nono**, por Juan Grave, especie de poema en que se parangona con graciosa ingenuidad y verdad dramática una fase de las delicias futuras con la triste realidad de la sociedad presente, las dulzuras del país de Autonomía con los horrores del reino Argirocracia. El genio de Grave ha elevado su obra adonde no pueden llegar las censuras de los escépticos*

Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade • 27

antifuturistas, así como ha presentado los males sociales con toda verdad y sin la menor exageración. Su lectura encantaba a los niños, y la profundidad de sus pensamientos sugería a los profesores múltiples y oportunos comentarios. Los niños en sus recreos reproducían las escenas de Autonomía, y los adultos, en sus afanes y sufrimientos, veían reflejadas su causa en la constitución de aquella Argirocracia donde imperaba Monadio.”¹⁵

O texto de Ferrer fala por si só, e não necessita comentários; uma única frase dele pinçada, “*así como ha presentado los males sociales con toda verdad y sin la menor exageración*”, fornece a real dimensão ideológica dos textos de leitura utilizados na *Escuela Moderna*, uma escola organizada segundo um racionalismo pedagógico que almejava à neutralidade científica. Jesús Palacios levanta comentários bastante esclarecedores:

“Como lo advierte L. M. Lázaro, ‘se nota en todos los textos un cierto aire de catecismo, de catecismo revolucionario si se quiere, pero catecismo al fin y al cabo’. En la misma línea, y sin referirse abiertamente a Ferrer, Cl. Jacquinet crítica a aquellos maestros para los cuales ‘todo su saber consiste en inculcar a sus discípulos sus opiniones preferidas a fin de que causen en su cerebro una impresión imborrable, que se implanten en ellos y se extiendan ni más ni menos que a semejanza de una hierba parásita. Todo lo mejor que han podido encontrar para formar libertarios es obrar al modo de los curas de todas las religiones’.

“Por lo que dicen sus críticos, más que por lo que el mismo Ferrer sostiene, la Escuela Moderna transmitía, por tanto, una actitud ideológica concreta: la de su fundador y sus colaboradores. La escuela racional y científica se convertía, por tanto, además, en una escuela que hacía proselitismo libertario a través de esa confusión entre formación y propaganda a la que, al decir de Solà, son proclives los anarco-sindicalistas. En consecuencia, ‘considerada en su conjunto – escribe J. Monés –, la escuela anarquista fue esencialmente ideológica. El adoctrinamiento, potenciado desde el sindicato, desde la

asociación libertaria, y, fundamentalmente, desde la escuela, constituyó una de las armas del anarquismo militante’.”¹⁶

Podemos concluir, assim, que apesar de toda a crítica de Ferrer à feição ideológica da escola capitalista e de sua defesa de uma educação “não-ideológica”, a *Escuela Moderna* foi tão ideológica quanto a combatida escola capitalista. Qual a razão disso?

Podemos encontrar facilmente a resposta no assim chamado “espírito da época”; apesar de avançar em muitos aspectos, Ferrer foi um homem profundamente identificado com seu tempo, como podemos perceber através de seu positivismo. É nesse mesmo positivismo que podemos encontrar a solução para a questão acima levantada. Lembremos que Marx, um pouco mais velho que Ferrer, também foi influenciado pelo positivismo, e contrapunha à ideologia – por ele definida como um “falseamento da realidade” – a ciência, o socialismo científico. Está embutida aí a idéia de que se a burguesia precisa falsear a idéia através da ideologia para mascarar a realidade da exploração social, o proletariado, ao contrário, nada tem a esconder, apenas a revelar, sendo a ciência o mecanismo dessa revelação.

Deste modo, quando Ferrer critica a escola capitalista, acusando-a de ideológica, está acusando-a de mascarar a exploração para manter a dominação; por outro lado, quando defende uma escola racional e científica, está propondo uma educação que, através da ciência – que em si mesma é neutra e não tem opções políticas – revele a exploração para possibilitar a consciência da dominação e a conseqüente revolta contra ela. Neste sentido, a *Escuela Moderna* não era ideológica e não fazia proselitismo, como atacavam seus críticos, preocupados com uma neutralidade ainda maior, mas apenas “desmascarava” as falsas verdades construídas pela classe dominante no afã de justificar as desigualdades sociais.

Ideologia e liberdade no processo educativo

Sabemos hoje, porém, que a questão ideológica e sua relação com a educação é muito mais complexa do que permite uma análise positivista. Neste aspecto, independentemente de sua positividade ou negatividade, de sua justiça ou injustiça, o ensino desenvolvido por Ferrer com seu racionalismo pedagógico era fundamentalmente ideológico, assim como

experiências libertárias de educação mais recentes assumem sem nenhuma vergonha sua característica essencialmente ideológica, embora seja uma ideologia revolucionária voltada para a transformação da sociedade.

Ricardo Mella, ao defender a absoluta neutralidade da escola está, ao mesmo tempo, engajado no espírito positivista da época e filiando-se pedagogicamente ao movimento por uma *educação negativa* iniciado por Rousseau com seu *Emílio*. Não foram poucos os partidários de uma educação libertária a cerrarem fileiras com Rousseau e seus seguidores. Baseados na crença de que a liberdade é uma característica *natural* de todo indivíduo, nada mais coerente do que uma educação negativa ou, para usar uma expressão mais moderna, *não-diretiva*.

Nesta perspectiva, a educação deve respeitar as características naturais de cada indivíduo e organizar-se de modo a possibilitar seu livre desenvolvimento. Qualquer intento de *modelar* o indivíduo através da educação deve ser recusado, em nome de sua autonomia.

Entretanto, conhecemos o célebre debate que Bakunin trava com Rousseau em *Dios y el Estado*. Para o anarquista russo, a liberdade não é um dom natural de cada um, mas uma construção histórica só possível coletivamente. Ela deve ser conquistada e construída. O que equivale a dizer que os indivíduos precisam *aprender* a ser livres. Uma escola “neutra”, ou negativa, não contribuiria, portanto, para que os indivíduos fossem livres. Por mais paradoxal e contraditório que possa parecer, o indivíduo precisa ser *modelado, manipulado*, para que possa, de fato, tornar-se livre.

Tenho afirmado que a aceitação, consciente ou não, deste princípio bakuniniano é a “pedra de toque” que diferencia as propostas de uma pedagogia libertária das pedagogias burguesas não-diretivas que vicejaram também na mesma época, estando presentes entre nós até hoje. As pedagogias de orientação burguesa podem fazer o discurso da “neutralidade” – ou, pelo menos, utilizá-lo como capa –, pois sua intenção, velada ou explícita, é a formação de indivíduos comprometidos com a manutenção da estrutura social capitalista. Na verdade, a neutralidade não é da sociedade sobre o processo de formação dos indivíduos, mas sim destes indivíduos para com a sociedade: eles não comprometer-se-ão com sua transformação¹⁷.

Mas uma escola libertária não pode ser neutra: se os indivíduos estão sujeitados a uma sociedade de exploração e não são livres, é necessária uma opção de se educar para a liberdade, que é também, necessariamente, a superação desta estrutura de dominação. É preciso que haja

30 • Sílvio Gallo

uma *intencionalidade* explícita no processo pedagógico, seja no sentido da manutenção da sociedade, seja voltada para sua transformação.

Assim, se entendemos por ideologia o *falseamento intencional da realidade*, no conceito marxiano, a escola comprometida com a manutenção da estrutura social é essencialmente ideológica, é parte mesmo do mecanismo de reprodução desta estrutura, enquanto que uma escola voltada para um processo de transformação desta estrutura seria, por sua vez, *anti-ideológica* ou *contra-ideológica*, o que no início do século poderia ser chamada de científica ou de *racional*, como quis Ferrer.

Mas se, de outro modo, tomamos a ideologia em uma acepção mais ampla, o que é comum mesmo nos marxistas posteriores a Marx – penso em Gramsci, por exemplo –, e mais afinado com o ideário contemporâneo, toda educação é, necessariamente, ideológica. Carlos Díaz mostra que não há escola neutra; dizer educação – que deriva do latim *educere* – é dizer manipulação¹⁸.

A diferença está entre aqueles que manipulam abertamente e aqueles que manipulam veladamente. Os primeiros não têm o que esconder, e manipulam para que o indivíduo possa formar-se e adquirir liberdade e autonomia; os outros, porém, escondem-se, pois sua manipulação é indigna: visa a manter os privilégios de alguns em detrimento de muitos¹⁹.

Ferrer, em seu positivismo ingênuo, propôs uma educação não ideológica, fundada na razão e na ciência, em contraposição à educação ideológica do capitalismo, baseada na veiculação de erros e preconceitos. Não caiu, porém, na ingenuidade naturalista rousseaniana de pensar que um indivíduo formado integralmente pela *escola renovada* seria forte o suficiente para enfrentar as pressões sociais e, ainda mais, agir sobre esta sociedade de modo a transformá-la.

Podemos – e, sem dúvida, devemos – apontar o caráter de *catecismo* que assumia o ensino da *Escuela Moderna*, discordando de sua eficácia para a formação de indivíduos livres e autônomos e para a contribuição para com um processo de efetiva transformação social. O que não podemos, por outro lado, é criticá-lo em nome de uma suposta neutralidade que uma educação libertária devesse ter.

Nisso Ferrer conseguiu estar além de seu tempo, mesmo que de forma inconsciente e não intencional: uma educação libertária precisa *formar* os indivíduos para que possam ser coletivamente livres, e assim construir uma sociedade aberta para a multiplicidade de singularidades.

Notas

1. Sobre a abrangência da influência de Ferrer na pedagogia libertária, ver a obra de Solà, *Las Escuelas Racionalistas en Cataluña*; para se ter uma idéia desta influência no Brasil, ver as obras de Tragtenberg, Luizetto e Jomini citadas na bibliografia.
2. Francesc Ferrer i Guàrdia, *La Escuela Moderna*, Barcelona: Solidaridad, 1912, p.19.
3. *Ibidem*, p.32.
4. É curioso notar a *atualidade* das colocações que Ferrer i Guàrdia fez na primeira década do século; também hoje, neste final de século, estamos às voltas com a questão da qualidade da educação, posto que os novos paradigmas de produção industrial (*Total Quality Control*) pedem um ensino ao mesmo tempo mais abrangente e mais especializado. A esse respeito, ver meu artigo *Novas tecnologias, qualidade de ensino e políticas universitárias: contradições e possibilidades de mudança*, publicado na revista do 2º Encontro Nacional do Ensino Superior das Escolas Particulares, publicada pela CONTEE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino.
5. Ferrer i Guàrdia, *La Escuela...*, p. 56.
6. *Ibidem*, p. 58.
7. *Ibidem*, p. 58-59.
8. *Ibidem*, p. 20-21.
9. Jesús Palacios, *La Cuestion Escolar*, Barcelona: Ed. Laia, s/d, p. 165.
10. No ensaio *A crise na educação* (in ARENDT, 1979) a filósofa afirma que a educação é uma atividade pré-política, preparadora para a ação política; assim, a política é um reino de adultos, enquanto que a educação é um reino de crianças: adultos não podem ser educados e crianças não podem agir politicamente. Mas a ação política consciente só é possível para os adultos que passaram pelo processo domador da educação. Sem toda essa fundamentação filosófica, evidentemente, Ferrer parece ter antecipado as considerações de Arendt.

32 • Sílvio Gallo

11. Ferrer i Guàrdia, op. cit., p. 35.
12. *Ibidem*, p. 35-36.
13. Ricardo Mella, *O Problema do ensino*, apud MORIYÓN, *Educação Libertária*, Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 68.
14. *Ibidem*, p. 68-69.
15. Ferrer i Guàrdia, op. cit., p. 72.
16. Palacios, op. cit., p. 177.
17. Carlos Díaz discute a eficácia da escola de Summerhill, mostrando pesquisas que apontam que crianças que lá estudaram, hoje adultas, votam no Partido Conservador inglês. Vemos, assim, que os indivíduos acabam submissos à mídia e aos discursos dominantes na sociedade.
18. Cf. Carlos Díaz, *Escritos de Pedagogia Política*, p. 259 e ss.
19. *Ibidem*, p. 129 e ss.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. SP: Editora Perspectiva, 1979.
- COLECTIVO PAIDEIA. *Intento de educación antiautoritária y psicomotriz en preescolar*. Mérida: Editorial Josefa Martin Luengo, 1978-79.
- _____. *PAIDEIA: una escuela libre*. Madrid: Ziggurat, 1985.
- _____. Crítica a una escuela autogestionária dentro de un sistema no autogestionário. *La Samblea*, Boletín de la Asociación Pedagógica "PAIDEIA", nº 15, otoño-invierno, 1992/93.
- DÍAZ, Carlos. *Escritos sobre pedagogia política*. Alcoy: Editorial Marfil, 1976.
- _____. *El manifiesto libertário de la enseñanza*. Madrid: Ediciones de la Piqueta, 1978.

Pedagogia libertária e ideologia: vias e desvios da liberdade • 33

- ____ e GARCIA, Félix. **Ensayo de pedagogía utópica**. Madrid: Ediciones Zero, 1975.
- FERRER i GUÀRDIA, Francesc. **La Escuela Moderna – póstuma explicación y alcance de la enseñanza racionalista**. Barcelona: Ediciones Solidaridad, 1912.
- ____. **La Escuela Moderna**. Barcelona: Tusquets Editor, 1978.
- ____. **Envidia – cuento ateo**. Barcelona: José J. Olañeta Ed., 1978.
- ____. **La Coazione nella Scuola**. in *Umanità nova*, Livorno, 3 dicembre 1.989, anno 69, n° 37.
- FERRER, Sol. **La vie et l'oeuvre de Francisco Ferrer, un martyr au XX^{ème} siècle**. Paris: Librairie Fischbacher, s/d.
- GALLO, Sílvio. **Pedagogia do risco – experiências anarquistas em educação**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ____. **Educação anarquista: um paradigma para hoje**. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
- ____. **Educação e liberdade: a experiência da Escola Moderna de Barcelona**, *Pro-posições*, Revista quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, v. 3, n. 9, p. 14 – 23, dez 1992.
- ____. **Politecnia e educação: a contribuição anarquista**, *Pro-posições*, Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação da UNICAMP, v.4, n. 3(12), p. 34-46, nov. 1993.
- ____. **Ferrer i Guàrdia e a Pedagogia Racional: uma educação para a liberdade**, *Educació i història*, Revista d'història de l'educació, núm. 1, Barcelona, 1994 (p. 41-44).
- GALZERANO, Giuseppe. **Francisco Ferrer: il sangue di un maestro (I, II e III)**. *Umanità Nova*, Livorno, 29 ottobre 1989, anno 69, n° 32 (parte I); 5 novembre 1989, anno 69, n° 33 (parte II: L'esilio – L'arresto – Il processo); 12 novembre 1989, anno 69, n° 34 (parte III: La fucilazione, le proteste).
- ILLICH, Ivan. **Educação e Desenvolvimento**. *A Idéia*, Lisboa, verão/outono de 1985, n° 38-39.
- LUENGO, Josefa Martín. **Desde nuestra Escuela Paideia**. Móstoles: Ediciones Madre Tierra, 1990.
- LUIZETTO, Flávio Venâncio. **Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios libertário e educacional**. USP, São Carlos, 1984 – tese de doutorado.

34 • Sílvio Gallo

- _____. *Cultura e Educação Libertária no Brasil no Início do Século XX, Educação e Sociedade*. SP/Campinas, Cortez/CEDES, nº 12.
- _____. *O Movimento Anarquista em São Paulo: a experiência da Escola Moderna nº 01 (1912 – 1919)*. *Educação e Sociedade*, SP/Campinas, Cortez/CEDES, nº 24.
- MORIYÓN, Félix Garcia (org.). *Educação libertária*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PALACIOS, Jesús. *La cuestión Escolar: críticas y alternativas*. Barcelona: Ed. Laia, s/d.
- RAYNAUD, Jean/AMBAUVES, Guy. *L'éducation libertaire*. Paris: Amis de Spartacus, 1978
- SOLÀ, Pere. *Las escuelas racionalistas em Cataluña (1909 – 1939)*. 2.ed Barcelona: Tusquets Editor, 1978.
- TOMASI, Tina. *Ideologie libertarie e formazione umana*. Firenze: La Nuova Itália Editrice, 1973.
- _____. *Breviario del pensamiento educativo libertario*. Cali: Ediciones Madre Tierra, 1988.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Francisco Ferrer e a pedagogia libertária*. *Educação e Sociedade*, São Paulo/Campinas, Cortez/CEDES, nº 01.
- VIZZINI, Beniamino. *La pedagogia libertaria come antipedagogia*. *Umanità Nova*, Livorno, 6 maggio 1989, anno 69, nº 15.